

CULTURA E DIVERSIDADE NAS POLÍTICAS PÚBLICAS DO SISTEMA CAPITALISTA: CONTRIBUIÇÕES DA TEORIA DE FRANZ BOAS***CULTURE AND DIVERSITY IN THE PUBLIC POLICIES OF THE CAPITALIST SYSTEM: CONTRIBUTIONS OF FRANZ BOAS' THEORY***

Artigo recebido em 23/03/2023

Artigo aceito em 24/03/2023

Artigo publicado em 23/10/2023

Juliana Fernandes Lança

Doutora em Educação pela Universidade Estadual de Maringá/UEM. Mestre em Educação pela Universidade de São Paulo/USP. Pedagoga pela Universidade de São Paulo/USP. Professora e Pesquisadora do Departamento de Educação da Universidade Estadual de Londrina/UEL. Professora Pesquisadora nas Faculdades Londrina. Membro do Grupo de Pesquisa em História da Educação Brasileira, Instituições e Cultura Escolar/HEDUCULTES e do Grupo de Pesquisa/CNPQ Políticas Públicas, Currículo, Gestão e Sociedade. Membro do Programa de Estudos Complementares em Currículo e Gestão da Educação/PROEGE. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8875437690722981>. Orcid: <http://orcid.org/0000-0001-9522-4741>. E-mail: jufil@uol.com.br.

Tania da Costa Fernandes

Doutora em Educação pela PUC/SP. Professora e Pesquisadora do Departamento de Educação, área de Gestão da Educação e do Programa de Pós-Graduação stricto sensu em Educação, da Universidade Estadual de Londrina/UEL. Líder do Grupo de Pesquisa/CNPQ Políticas Públicas, Currículo, Gestão e Sociedade. Coordenadora do Programa de Estudos Complementares em Currículo e Gestão da Educação/PROEGE. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5198597852321142>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0954-0153>. E-mail: taniafernandes@uel.br.

RESUMO: O sistema capitalista, segundo a teoria de Karl Marx, pode ser compreendido de forma sucinta como uma organização socioeconômica baseada no sistema de troca/compra de força de trabalho, no qual se visa a mais valia, ou seja, extração do lucro a partir da exploração do trabalho. As políticas públicas que orientam tal sistema econômico, reconhecendo e valorizando a diversidade cultural, passaram a disseminar propostas que ocuparam um lugar de destaque nos governos das últimas três décadas do século XX. O artigo possui como objetivo compreender e demonstrar a importância da antropologia cultural e sua influência nas políticas públicas, teorizada a partir das concepções de Franz Boas, além de, expor as contribuições deste autor para a relação entre cultura e educação. O artigo busca, ainda, dissertar sobre o papel que o conceito de cultura assumiu no sistema capitalista ao justificar os motivos geradores de desigualdades e conflitos. Como resultado, no que diz respeito ao pensamento de Franz Boas, observa-se que este, apesar de não considerar as questões econômicas como determinantes nas relações e condições sociais, contribuiu com avanços que foram importantes para encaminhamentos de questões sociais no interior de uma sociedade que tem a cultura como base das reflexões em relação ao seu desenvolvimento. Foi possível concluir que, a relevância dada para a diversidade cultural e a própria cultura nos últimos anos foi uma maneira do sistema capitalista manter-se em conformidade com o status quo que estabelece.

PALAVRAS-CHAVE: Políticas Públicas; Franz Boas; Sistema Capitalista.

ABSTRACT: The capitalist system, according to Karl Marx's theory, can be understood succinctly as a socioeconomic organization based on the system of exchange/purchase of labor power, not which aims at added value, that is, guarantee of profit from the labor exploitation. The public policies that guided such an economic system, recognizing and valuing cultural diversity, began to disseminate proposals that occupied a prominent place in the governments of the last three decades of the twentieth century. The article aims to understand and demonstrate the importance of cultural anthropology and its influence on public policies, theorized from the conceptions of Franz Boas, in addition to exposing this author's contributions to the relationship between culture and education. The article also seeks to discuss the role that the concept of culture assumed in the capitalist system by justifying the reasons that generate inequalities and conflicts. As a result, with regard to the thought of Franz Boas, it is observed that, despite not considering negative issues as determinants in social relations and conditions, he contributed with advances that were important for addressing social issues within a society which has culture as the basis of reflections in relation to its development. It was possible to conclude that, the melody given to culture and cultural diversity in recent years was a way for the capitalist system to remain in conformity with the status quo that it establishes.

KEYWORDS: Public Policy; Franz Boas; Capitalist System.

SUMÁRIO: 1 Introdução 2 Franz Boas: apontamentos sobre a biografia e atuação do pai da antropologia cultural moderna 3 O conceito de cultura e de educação para Franz Boas 4 Cultura em foco: breves apontamentos sobre a relação do conceito de cultura de Franz Boas e as políticas públicas no sistema capitalista 5 Considerações finais 6 Referências.

1 INTRODUÇÃO

O sistema capitalista, segundo as teorias de Karl Marx, pode ser compreendido de forma sucinta como uma organização social baseada no sistema de troca/compra de força de trabalho¹, no qual se visa a mais valia, ou seja, extração do lucro a partir da exploração do trabalho. Nesta perspectiva, as relações de produção se estabelecem de forma desigual. Trata-

¹ O trabalho é um processo de que participa o homem e a natureza, processo em que o ser humano, com sua própria ação, impulsiona, regula e controla seu intercâmbio material com a natureza... Põe em movimento as forças naturais de seu corpo – braços e pernas, cabeça e mãos –, a fim de apropriar-se dos recursos da natureza, imprimindo-lhes forma útil à vida humana. Atuando assim sobre a natureza externa e modificando-a, ao mesmo tempo modifica sua própria natureza” (MARX, 2001, p. 211).

se de relações nas quais os donos dos meios de produção exploram a força de trabalhos daqueles que, em condição de desigualdade e alienação, possuem como alternativa para sobrevivência a venda de sua força de trabalho. Tal sistema vem, de algum modo, ainda que permeado por estas relações de exploração, desde o final da Segunda Guerra Mundial, se preocupando com o tema da cultura e da diversidade.

Defronte da crise econômica e dos movimentos sociais, apresenta-se como resposta a cultura e a diversidade, que viabilizaram, na nova fase do capitalismo, a valorização e a difusão de respeito a está última, o que compactua com a construção de uma política baseada nas concepções de diferenças de identidades.

Deste modo, as políticas públicas, reconhecendo e valorizando a diversidade cultural, passaram a disseminar propostas que ocuparam um lugar de destaque nos governos das últimas três décadas do século XX. Tais propostas se tornaram cada vez mais frequentes nos documentos, debates e encaminhamentos dados pelo Estado.

As agências internacionais, por exemplo, criadas durante a Guerra Fria e utilizadas como formuladoras de políticas de controle e coesão social, foram de extrema importância para a formulação e divulgação destas propostas de políticas públicas. Dentre estas agências, podemos encontrar a Organização das Nações Unidas (ONU), o Banco Mundial (BM), e a Ciência e a Cultura (UNESCO).

A fim de não comprometer a ordem e a expansão do capitalismo, as agências internacionais passaram a considerar todos os movimentos sociais e protestos como movimentos culturais, e também, as desigualdades, geradas pelo sistema econômico, como desigualdades culturais. Assim, com o intuito de solucionar estes problemas “culturais”, sugerem uma interfa-se na qual se obtenha uma conciliação da sociedade mundial, promovendo a tolerância, o reconhecimento e a inclusão.

Além disso, as agências ainda desempenharam um papel de destaque no cenário mundial, uma vez que, aturam na expansão do conceito de cultura, no direcionamento das organizações não governamentais (ONGs), na organização das áreas empresariais e o desenvolvimento de políticas públicas culturais.

Após o final da Segunda Guerra Mundial, a Organização das Nações Unidas (ONU) tem publicado documentos a respeito do tema e disseminando as políticas públicas relacionadas a cultura. A título de exemplo, a UNESCO, uma de suas agências criada em 1945, possuía como objetivos principais promover o controle e a tolerância dos movimentos

sociais, por meio da educação, cultura, comunicação e ciências, além de combater o facismo e o comunismo que poderiam colocar o Sistema capitalista em ameaça.

A UNESCO, ao longo dos anos passou a publicar documentos de informe mundial, nos quais justificava que a maior parte dos conflitos era de origem cultural, e não econômica, realizando discursos de tolerância e respeito a diversidade.

É urgente investir na diversidade cultural e no diálogo. Com efeito, integrar a diversidade cultural numa ampla série de políticas públicas – incluindo as que estão por vezes bastante afastadas das políticas culturais propriamente ditas – pode contribuir para renovar as abordagens da comunidade internacional relativamente aos dois objetivos-chave que são o desenvolvimento e a busca da paz e prevenção dos conflitos. (UNESCO, 2010, p.31).

Direcionar a causa dos conflitos para as especificidades culturais foi uma estratégia para a reorganização do mercado e do sistema capitalista como um todo, relacionando as novas maneiras de conduzir os conflitos sociais e o processo de mercadificação².

O conceito de cultura, durante os anos, passou por diferentes definições. Etimologicamente falando, com origem do latim, cultura se relaciona à natureza, com o ato de cultivar. O termo foi assumindo outros sentidos e teve alterações importantes, passando a identificar os valores compartilhados entre os sujeitos, uma virtude humana. Contudo, a partir da década de 1960 a palavra deixou de ter um significado coletivo e passou a significar uma identidade específica, os modos de vida, costumes e valores de grupos sociais, construída a partir das relações humanas situadas no tempo e no espaço.

Tento está concepção de especificidade de cada grupo humano, a cultura foi adquirindo maior importância na atualidade, e tal conceito passou a ser integrado

[...] as orientações das organizações internacionais, os discursos de chefes de Estado, a mídia, as reivindicações dos “novos” movimentos sociais (das mulheres, dos negros, dos índios, dos homossexuais, das minorias étnicas ou lingüísticas ou regionais, etc.) e a agenda política da direita e da esquerda. (CARVALHO e FAUSTINO, 2015, p.113).

Quando falamos de cultura, devemos lembrar que a discussão sobre o tema não é recente. Alguns intelectuais dissertaram sobre o conceito e colocaram-no em diferentes óticas. Um destes importantes intelectuais foi Franz Boas, pai da antropologia cultural moderna, que

² “A mercadificação pressupõe a existência de direitos de propriedade sobre os processos, coisas e relações sociais, supõe que se pode atribuir preço a eles e negociá-los nos termos de um contrato legal. [...] “equivale a atribuir um preço a coisas que na verdade jamais foram produzidas como mercadorias” (HARVEY, 2011, p.179).

teve um importante papel no descolamento das discussões de desigualdade, que saíram da centralidade do trabalho para a cultura.

Juntamente com o termo cultura, também foi disseminado o termo diversidade cultural. A diversidade cultural também possui um conjunto de definições e conceitos variados. De modo geral, tal termo refere-se “à multiplicidade de ideias, hábitos, valores, crenças, comportamentos e características espirituais e materiais, intelectuais e emocionais que definem os diferentes grupos humanos, atribuindo-lhes identidade em um determinado tempo e território” (CARVALHO e FAUSTINO, 2015, p.115). Em suma, é possível compreender que diversidade cultural está relacionada a diferença, variedade, diversidade, multiplicidade e pluralidade, entre as chamadas culturas humanas.

A diversidade cultural engloba diferenças culturais que existem entre as pessoas, como linguagem, danças, vestimenta e tradições, bem como a forma como as sociedades organizam-se conforme a sua concepção de moral e de religião, a forma como eles interagem com o ambiente, etc.. O termo diversidade diz respeito à variedade e convivência de ideias, características ou elementos diferentes entre si, em determinado assunto, situação ou ambiente. (OLIVEIRA e SOUZA, 2011, p. 128 apud CARVALHO e FAUSTINO, 2015, p.115)

A centralidade do reconhecimento e da valorização de questões relacionadas a cultural e a diversidade cultural nas determinações políticas também adentraram no meio educacional.

Por meio de resoluções, leis, diretrizes, referenciais, currículos, materiais didáticos e cursos de formação de professores, tais políticas de valorização e reconhecimento da diversidade têm chegado às salas de aulas. Assim, os profissionais da educação têm se visto na necessidade de lidar direta e cotidianamente com situações nas quais a diferença assume cada vez mais relevância. Educadores e gestores são, portanto, levados a promover estudos aprofundados, reflexões, debates, e, principalmente, mudanças na prática pedagógica. (CARVALHO e FAUSTINO, 2015, p.112)

Influenciando a comunidade escolar a procurar novas práticas pedagógicas e administrativas, a educação foi tida pelas agências internacionais como um meio transmissor, que pudesse repassar os valores culturais, conforme explicita relatório da UNESCO:

O meio por excelência para transmitir os valores culturais nacionais e universais, e deve procurar a assimilação dos conhecimentos científicos e técnicos sem detrimento das capacidades e valores dos povos (UNESCO, 1982, p.5).

Ademais, a escola também foi considerada como ambiente que favorecia a disseminação dos conceitos e teorias que envolvem a diversidade cultural, tendo a

responsabilidade de humanização do Sistema Capitalista. A instituição e sua comunidade interna, principalmente o professor, se tornou responsável em adotar práticas condizentes com estas propostas culturais, ou seja, mesmo sendo o próprio Sistema produtor de desigualdade, violência, exclusão miséria, e este não se modificando, a escola teria que estabelecer práticas inclusivas que proporcionassem a valorização da cultura e da diversidade.

Isto posto, este artigo tem como objetivo compreender e demonstrar a importância da antropologia cultural e sua influência nas políticas públicas, teorizada a partir das concepções de Franz Boas, além de, expor as contribuições deste autor para a relação entre cultura e educação. Em sequência, busca dissertar sobre o papel que o conceito de cultura assumiu no sistema capitalista ao justificar os motivos geradores de desigualdades e conflitos.

2 FRANZ BOAS: APONTAMENTOS SOBRE A BIOGRAFIA E ATUAÇÃO DO PAI DA ANTROPOLOGIA CULTURAL MODERNA

Franz Uri Boas nasceu em 9 de julho de 1858, na cidade de Minden, na Alemanha. Filho de um judeu comerciante e de uma professora primária, teve grande influência da família na sua formação acadêmica e relacionada as suas ideias sobre raça e etnicidade.

Filhos de pais envolvidos com a política, herdou deles ideias que, mais tarde, iriam influenciar na elaboração de conceitos medulares da antropologia, como, por exemplo, o de raça e etnicidade. (PEREIRA, 2011, p. 103)

Boas estudou Física na Universidades de Heidelberg e Geografia na Universidade de Bonn. No ano de 1881, adquiriu o título de doutor em Física pela Universidade de Kiel, com a tese *A compreensão das cores da água*, uma tese que o levou ao ártico, onde a cultura Esquimó o encantou. Durante os anos de 1883 e 1884, Boas passou na ilha de Banffin, Canadá, realizando um estudo junto aos esquimós. Após isso, em 1886, realizou uma expedição científica na Colúmbia Britânica, no Canadá e nos Estados Unidos.

Com apenas 25 anos, o físico Franz Boas, nascido em Minden (Westfália), chega às terras geladas de Baffin, no Canadá. Uma viagem para o encontro com os Inuit (conhecidos entre nós pelo termo depreciativo Esquimó) que selou uma drástica mudança em sua vida e no pensamento antropológico. Nesse encontro, Franz Boas torna-se o primeiro pesquisador a conviver durante toda a sua coleta etnográfica com os sujeitos de sua pesquisa (1883-1884). (MOURA, 2017, p.1)

No ano de 1887, atraído pela liberdade intelectual dos Estados Unidos, migrou para o país e naturalizou-se norte americano, exercendo decisiva importância para o desenvolvimento da Antropologia, principalmente nos Estados Unidos. No ano seguinte publicou sobre etnografia, um material recolhido durante sua estadia com os esquimós, o que permitiu a Franz Boas escrever sua primeira no âmbito antropológico: *Os esquimós centrais*, publicada pelo Departamento Norte-Americano de Etnologia, e posteriormente, em 1964, sob forma de livro, pela Editora da Universidade de Nebraska. No ano seguinte, 1888, exerceu um importante papel em dois eventos, sendo estes a modificação da publicação *O Antropólogo Norte-Americano*, e na fundação da Associação Antropológica Norte-Americana em 1902. Neste mesmo período, Franz Boas colaborou com a fundação da Sociedade Norte-Americana do Folclore e também da Revista do Folclore Norte-Americano, da qual foi editor de 1908 a 1925.

No ano de 1889, começou sua trajetória na carreira de geógrafo, iniciando as atividades na Sociedade Berlinense para a Antropologia, Etnologia e Pré-História, lecionando na Universidade de Clark, Massachusets. Na mesma época, conhece Adolf Bastian, etnólogo alemão, e Rudolf Virchow, médico e político alemão, os quais o influenciam a adentrar ao campo da Antropologia, se especializando em línguas e culturas das sociedades indígenas americana.

Publicou, em 1896, o artigo *The Limitation of Comparative Method in Anthropology* (*As limitações do método comparativo em Antropologia*). O artigo refutava os métodos evolucionistas e defendia um estudo histórico do desenvolvimento das culturas em detrimento ao método comparativo.

[...] fez uma arrasadora crítica do método evolucionista vitoriano e lançou as bases para uma metodologia antropológica que privilegia o trabalho de campo, em uma época que predominavam os chamados trabalhos de gabinete. (MOURA, 2017, p.1).

O texto foi considerado um marco para a fundação da Antropologia Cultural. Tal antropologia formulou bases para uma perspectiva teórica denominada particularismo histórico, que caracterizou a Escola Cultural Americana. A Escola, nas quais as teses teóricas e metodológicas possibilitaram a consolidação da noção de cultura, acreditava que cada cultura percorre os seus próprios caminhos, de acordo com os fatos históricos que passou – este pensamento, avesso a qualquer tipo de hierarquização dos grupos humanos, convergia com o pensamento político de Franz Boas.

Muda-se, em 1896, para Universidade de Colúmbia, em Nova York, alcançando o posto de professor em 1909. Na Universidade, estruturou e ficou a frente do departamento de Antropologia mais influente do país, departamento este, em que iniciou antropólogos e linguistas importantes, como por exemplo Kroeber e Speck, teóricos que também fundaram departamentos na Universidade da Califórnia e na Universidade da Pensilvânia, respectivamente. Enquanto lecionava, Franz Boas influenciou muitos antropólogos e linguistas, como Edward Sapir, Ruth Benedict e Margaret Mead.

Como professor da Universidade de Colúmbia foi também excelente formador de novos pesquisadores, tais como Alfred Kroeber, Robert Lowie, Alexander Lesser, Manuel Gamio, Juan Comas, Leslie Spier, Ruth Benedict, Margaret Mead, Edward Sapir, Paul Radin, Melville Herskovits. Sua influência também pode ser percebida nas obras de Marcel Mauss e Claude Lévi-Strauss, além dos brasileiros Gilberto Freyre – que sempre reconheceu publicamente ser seguidor de Boas -, Alberto Torres, Álvaro Fróes da Fonseca e Maria Júlia Pouchet. (MOURA, 2017, p.1)

A partir de 1905, dedicou-se ao ensino da Antropologia na Universidade de Columbia, aposentando-se em 1937. Juntamente com a docência, coordenou diferentes periódicos, entre eles: *Publications of the Jesup North Pacific Expeditions* (1900-1930), *Publications of the American Ethnological Society* (1907-1942), *Journal of American Folklore* (1908-1924), *Columbia University Contributions to Anthropology* (1913-1936) e o *International Journal of American Linguistics* (1917-1929). Também fundou a Associação Americana de Antropologia, a “Escola Relativista”, em que os estudos eram voltados para “cultura” e sua evolução desde as sociedades primitivas. Assumiu como presidente da Associação Americana para o Desenvolvimento da Ciência.

No que diz respeito as suas publicações, o autor publicou poucos livros, destacando-se: *The Mind of Primitive Man*³ (*A mente do ser humano primitivo*) originado de uma conferência de 1894 sobre o papel da raça nas faculdades humanas, retomado em várias palestras posteriores e considerada uma obra fundamental da Antropologia publicado em 1911

³ *The Mind of Primitive Man* correu o mundo na versão original e recebeu várias traduções, inclusive uma brasileira (Vozes, 2010). Não somente é um marco, por separar a noção de raça da noção de cultura, mas por restringir, por encolher o campo da primeira em privilégio da segunda. E isto sem jamais anular o campo da antropologia física, o qual aproximou, mais e mais, da antropologia biológica, ampliando o domínio fértil para o diálogo entre biólogos e geneticistas” (MOURA, 2017, p.2).

e segunda edição revisada em 1938; *Handbook of American Indian Languages*⁴, uma significativa colaboração para a área das línguas pré-colombianas; *Race, Language, and Culture*⁵ (*Raça Linguagem e Cultura*); *Primitive Art*⁶ (*Arte Primitiva*).

As obras de Franz Boas disassociaram-se do determinismo diante do meio ambiente e das características biológicas dos integrantes das diferentes sociedades, devido a sua autonomia do fenômeno cultural. Se opuseram as teorias evolucionistas, que conferiam grande importância ao desenvolvimento cultural independente, e se utilizava de um método no qual impedia de se levar em conta as relações culturais de cada grupo. Suas obras contribuíram para a antirracismo, falando sobre raça e cultura, acrescentando novas ideias para a compreensão do relacionamento entre as comunidades humanas, encaminhando a integração pretendida pela moderna antropologia. Além disso, determinou que cada cultura, de forma única, é um elemento formado por um conjunto de componentes inter-relacionados e dependentes.

No campo dos estudos relacionados a linguística, preocupou-se em entender o desenvolvimento histórico das línguas e o papel que estas desempenharam no pensamento e cultura humana. As relações entre linguagem-pensamento e linguagem-cultura que estabeleceu em suas obras foram conduzidas por sua preocupação em compor a forma íntima de línguas diferentes. Tais relações tinham por finalidade entender como ocorria, nas mais diversas sociedades, a conexão entre a realidade concreta e a idealização do mundo internalizada por seus integrantes, considerando o fenômeno linguístico como parte do fenômeno etnológico.

Franz Boas falece no dia 21 de dezembro de 1942, em Nova Iorque, Estados Unidos.

⁴ “Boas faz uma preciosa introdução às questões linguísticas na obra por ele organizada *Introduction to Handbook of American Indian Languages* (1911). Diz-nos Boas: “É óbvio que as tentativas de classificar a humanidade baseadas nas atuais distribuições do tipo [tipo físico, tipo humano], língua e cultura, devem levar a diferentes resultados, de acordo com o ponto de vista esposado; que uma classificação baseada basicamente em tipos [físicos, humanos] tão somente levará a um sistema que representa mais ou menos apuradamente as relações de sangue do povo, que não necessitam coincidir com suas relações culturais e que, do mesmo modo, classificações baseadas na língua e na cultura não necessitam coincidir com uma classificação biológica”. [intercalações de Margarida Maria Moura]. Todos os artigos deste trabalho inauguram a linguística dos povos americanos” (MOURA, 2017, p.3).

⁵ “[...] obra que reúne 63 artigos, versando sobre raça, língua e cultura. A noção de cultura destaca-se ao diferenciar-se do campo biológico e do campo linguístico, como ressalta George Stocking Jr: “A ideia de cultura radicalmente transformada no seu significado é de fato o elemento central deste novo paradigma, e também grande parte da ciência social do século XX pode ser vista como uma elaboração em detalhe das implicações de cultura.”” (MOURA, 2017, p.2).

⁶ “No prefácio Boas assinala que “os pesquisadores estão sempre prontos demais a esquecer que as lógicas da ciência – aquele ideal inatingível da descoberta de relações puras de causa e efeito, incontaminadas por qualquer tipo de viés emocional tanto quanto de opinião não provada – não são as lógicas da vida.” E continua: “A muito condenada psicologia introspectiva prova ao observador sem preconceito que as causas que fazem o homem primitivo pensar como pensa estão igualmente presentes em nossas mentes. A conduta particular em cada caso é determinada pelo conhecimento tradicional à disposição do indivíduo” (MOURA, 2017, p.2).

3 O CONCEITO DE CULTURA E DE EDUCAÇÃO PARA FRANZ BOAS

Na época em que Franz Boas iniciou suas discussões teóricas, a antropologia era marcada pela ideia evolucionista de raça, cultura e linguagem. Conceituava-se a cultura como resultante do pensamento racional do homem, apresentado em diferentes graus na escala evolucionista. Entendia-se a história cultural como procedimento unilinear e universal, nas quais as expressões particulares de cada sociedade, em um dado momento, representavam seu desenvolvimento.

Boas enfrenta estes princípios da teoria evolucionista e se alia a uma visão “compromissada” e inovadora da ciência antropológica, denunciando as interpretações distorcidas da questão racial, iniciando sua crítica aos conceitos de “raça”, de “tipo racial” e de “superordinate racial”, principalmente as “abordagens que usavam os conceitos de “raça”, “tipo racial” e de “superioridade racial” para fins políticos e discriminatórios e mostra que o conceito de raça é indefinível e impreciso, portanto, inútil” (PEREIRA, 2011, p. 116). Para tais críticas, utiliza-se de diferentes argumentos, entre eles: a crítica ligação entre soma e psique; o estudo dos procedimentos psicológicos, lingüísticos e culturais das diferentes populações e a análise dos equívocos de pensamento que levam a criação de uma hierarquia entre povos.

Segundo com o teórico “não cabe falar, em sentido estrito, de traços raciais hereditários totalmente válidos” (BOAS, 2010, p. 68). Conforme com sua visão, o conceito de raça nos possibilita a conceber modelos ideais raciais, mas que, por outro lado, pode nos limitar a compreender que existe uma quantidade infundável de sujeitos para os quais para os quais essas abstrações não são verdadeiras. Assim, a ideia de raça para Boas aparece como uma ilusão teórica empiricamente impossível de ser demonstrada.

Hereditariedade racial implica necessariamente a existência de unidade de descendência e a existência, numa certa época, de um pequeno número de ancestrais de formas corporais definidas, dos quais a população atual descende. É praticamente impossível reconstruir essa ancestralidade pelo estudo de uma população moderna (BOAS, 2010, p. 70).

Deste modo, podemos compreender a luz da teoria de Boas que as manifestações sociais evidenciam que não devemos interpretar o comportamento humano de forma determinada, e sim, se faz necessário ignorar o conceito de “raça”.

O conceito de tipo racial, conforme se encontra comumente na literatura científica, é aberrante e requer uma nova definição seja lógica que biológica. Enquanto um grande número de biólogos, psicólogos e antropólogos

americanos pareciam concordar com isso, o prejulgamento popular, baseado numa antiga e difundida tradição científica, ainda está vivo, e o preconceito racial representa ainda um importante fator na nossa vida. Ainda pior é a situação nos países dominados pelos regimes ditatoriais. Nestes, de fato, a ciência é submetida a uma série de limitações e, em particular, se exerce um atento controle sobre os livros que tratam de questões raciais e culturais. Uma vez que não é permitido publicar nada que possa ir contra os preconceitos desvairados e os prejuízos da camarilha ao governo, não pode haver também uma ciência verdadeira. (BOAS, 1972, p. 4).

Suas teorias o levaram a afirmar a inexistência de raças humanas extritamente definidas, e ainda, a superioridade biológica de alguns grupos humanos. Com isso, nega haver uma relação entre raça e cultura, criticando os princípios da ideologia racista.

[...] a evidência etnológica toda fala em favor da suposição de que os traços raciais hereditários não são importantes quando comparados às condições culturais. [...] não há razão para acreditar que uma raça seja naturalmente mais inteligente, dotada de grande força de vontade, ou emocionalmente mais estável do que outra, e que essa diferença iria influenciar significativamente sua cultura (BOAS, 2010, p. 82).

Ele aboliu o conceito de raça (embora use o tempo todo esse termo em suas obras), e o a evolução ontogênica como paradigma do pensamento antropológico; estabeleceu os métodos e os critérios para o trabalho de campo que continuam a guiar os antropólogos e os estudos de antropologia e instaurou o relativismo cultural como visão diretora dentro desta ciência, conforme já citado anteriormente. (PEREIRA, 2011, p. 111)

No âmbito da relação entre raça e cultura, Franz Boas argumenta que não há qualquer correlação entre ambas. Assim, difere entre raça e cultura, acreditando que a “forma” desta, e a sua variabilidade, revelam apropriadamente a independência.

Demonstramos que (o porte e a postura física) forma corpórea não pode ser estável em sentido absoluto e que as funções fisiológicas, mentais e sociais, dependem das condições externas, são muito variáveis, a ponto de não parecer plausível uma íntima relação entre raça e cultura. (BOAS, 1972, p. 79-80).

À vista disso, o teórico não criticou os argumentos da evolução e do desenvolvimento histórico, mas sim, a ortogênese, que dominava o pensamento científico da época e era entendida como a mudança individual que ocorre em um organismo vivo, oriunda de causa interna.

No que diz respeito ao conceito de cultura, Boas foi contra a definição evolucionista, agindo contra a antropologia daquele teor especulativo-metafísico em favor de um novo conceito de história que se difundira por meio do Historicismo⁷. O historicismo auxiliou

⁷ O Historicismo aqui é entendido como uma corrente que possui resistência ao pensamento especulativo, cuja o conceito se remete as filosofias modernas da história.

Franz Boas em sua reavaliação do ideal de progresso, relacionado a pesquisa antropológica, assim, posicionando-se contrário a tal linha de pensamento, realizou uma verdadeira revolução conceitual a partir de seu comprometimento histórico.

Descolando os questionamentos antropológicos da ideia de raça em curso à cultura, Franz Boas efetua um deslocamento em direção a resistência às filosofias da história que ainda proporcionavam o instrumental teórico para a investigação antropológica-científica, isto é, a transferência dos questionamentos sobre raça para a questão da cultura, que quando realizado pelo teórico, significava uma luta contra o que ele mesmo definiu por “uma história filosófica da civilização humana” (BOAS, 2010, p. 45).

O conceito de cultura, para Boas, resulta de diversos fatores que atuam sobre o sujeito, sem haver qualquer prova de que as diferenças entre as raças humanas tenham alguma influência diretiva sobre o curso do desenvolvimento da cultura (BOAS, 1998, p. 161). Deste modo, o conceito possui como fundamento um relativismo metodológico, no qual, se baseia no entendimento de que cada sujeito possui uma visão de mundo influenciada pela cultura em que vive.

Isto posto, o autor defende um relativismo cultural, definindo o conceito de cultura como culturas, no plural. Desta forma, apresentou a particularidade histórica de cada cultura, compreendendo que esta faz parte de um processo dinâmico e diacrônica, ou seja, que diferentemente do que se pretende as teorias ortogenéticas, as culturas humanas não seguem o continuum simples-complexo. Observam-se diversos desenvolvimentos históricos, decorrentes de distintos processos em que participaram inúmeros fatores e eventos.

[...] em lugar de uma simples linha de evolução, aparece uma multiplicidade de linhas (convergentes e divergentes) difíceis de serem unidas num sistema. Em vez de uniformidade, a característica notável parece ser a diversidade”. (BOAS, 2004, p. 54).

Partindo disso, Boas define cultura “como uma estrutura relativa pluralista, holística, integrada e historicamente condicionada para o estudo da determinação do comportamento humano” (STOCKING JÚNIOR, 2004, p. 36), para ele o conceito significa “a totalidade das reações e atividades mentais e físicas que caracterizam a conduta dos indivíduos que compõem um grupo social, coletiva e individualmente, em relação ao seu ambiente natural, a outros grupos, a membros do mesmo grupo e de cada indivíduo para consigo mesmo” (Boas, 2010, p. 113).

Ele defendia o relativismo cultural, acreditando na autonomia da cultura, na sua singularidade, valorizando os costumes, pois os costumes, segundo Boas, são manifestações da cultura. Assim, ele destacou a necessidade de estudar cada cultura de modo singular, destacando mais as diferenças que as

similaridades entre elas. [...] Com isso ele inaugura o conceito de “culturas”, no plural, destacando o particularismo histórico de cada cultura, onde cada uma se forma e se transforma ao longo do tempo, num processo dinâmico. (PEREIRA, 2011, p. 110).

Ao compreender a diversidade dos grupos humanos, o autor insiste no estudo das diferentes culturas que “compõem a humanidade em oposição à ideia de raça que classifica os seres humanos como se estes fossem inferiores ou superiores uns dos outros” (PEREIRA, 2011, p. 105), combatendo o preconceito e a diferenciação pela raça.

Em suma, é possível identificar, segundo STOCKING JÚNIOR (2004), alguns conceitos teorizados por Franz Boas, dentre eles: o relativismo cultural – todas as culturas possuem elementos em comum; a cultura – “uma adição acidental de elementos individuais [...] era ao mesmo tempo uma totalidade espiritual integrada que, de alguma maneira, condicionava a forma de seus elementos” (STOCKING JÚNIOR, 2004, p. 20) e culturas – no plural, oferecendo destaque as peculiaridades históricas individuais – ; o etnocentrismo – de acordo com a sua perspectiva, como o ‘eu’ europeu percebia o ‘outro’ nativo – ; e semelhança dos efeitos – um objeto apresenta características histórias e culturas do grupo que o produziu, e não somente sua função prática.

Identificando que as obras produzidas pelo teórico procuraram estabelecer a antropologia como uma ciência institucionalizada com métodos operacionais; indica que o estudo das ‘culturas’, divergente do das raças, evidencia que os grupos humanos possuem aspectos culturais comum e, “cada cultura é definida por um modelo [...] particular, e podemos identificar influências recíprocas entre modelos vizinhos” (DORTIER, 2010, p. 140).

No que tange a contribuição do pensamento de Franz Boas para a Educação, o teórico auxiliou a pensar a relação Cultura e Educação. Na obra *A mente do ser humano primitivo*, apesar de não ser direcionada a área, estes conceitos foram amplamente discutidos, abordando a ideia, por exemplo, que no âmbito do desenvolvimento educacional, um determinado povo, resulta mais de seus próprios méritos e dedicação, do que da influência externa.

Para Boas a educação molda o sujeito a fim de orientado a exercer funções e reagir de forma específica, conforme foi orientado, sendo uma espécie de adestramento. Logo a educação é individual e permeada pelo contexto cultural do sujeito, sendo assim, com o conhecimento não é diferente, este é concebido dentro de um contexto cultural, no qual o indivíduo o significa frente ao local que está inserido.

Cada um é formado de acordo com o seu ambiente cultural e enxerga o mundo pelo viés da cultura em que nasceu, ou que viveu a maior parte do seu tempo. É o relativismo cultural tão bem acentuado em suas teorias. Esse relativismo cultura relativiza também a educação, pois o entrelaçamento de educação e cultura é indissociável. (PEREIRA, 2011, p. 118).

O relativismo cultural, discutido pelo autor, chama atenção a herança que cada sujeito carrega consigo. Referindo-se a dois tipos de herança, a cultural e a biológica⁸, Boas afirma que estas contribuem para o desenvolvimento educacional, mas, que não são determinantes para a formação.

Assim sendo, a noção de bem e de mau, de certo e de errado e outras categorias de valores são relativos a cada cultura. Isso vale para todas as práticas e costumes de um povo, inclusive para a sua educação. [...] a educação está relacionada à herança cultural e não biológica (PEREIRA, 2011, p. 111).

Outra contribuição de Franz Boas, é a demonstração que este fez referente a mente humana. O teórico apresentou que as funções e os traços fundamentais de todos os seres humanos são idênticos e o que muda são apenas os conceitos e não a essência, ou seja, que “não existe uma diferença fundamental nos modos de pensar do ser humano primitivo e do civilizado” (Boas, 2010, p. 7). Conseqüentemente, o processo educacional permite ao indivíduo a desenvolver seu pensamento e raciocínio, independente da localidade em que reside. Tal constatação influenciou diretamente o conceito de educação e de cultural, uma vez que, ambos eram utilizados para justificar a maneira de pensar dos diferentes povos.

Por conseguinte, relata que quando não se tem as mesmas oportunidades – vale aqui citar que ele se refere a oportunidades culturais e não econômicas – dificilmente se pode ter o mesmo desenvolvimento, conseqüentemente, se todos obtivessem as mesmas oportunidades educacional poderiam concorrer com equidade, sem necessitar de estratégias que fundamentam as práticas discriminatórias.

Os temas abordados neste item abrem espaço para realizar discussões pertinentes a atualidade, relacionadas a educação e as políticas públicas que a orienta. As teorias de Franz Boas e o modo como o mesmo apresentou o ser humano, fundamentaram questões que necessitam estar

⁸ “A herança biológica é aquela que se recebe dos pais, que corresponde à cor da pele, aos traços físicos ou genéticos dos grupos humanos a que se pertence. A herança cultural é transmitida por hábitos e costumes do grupo social em que se vive. É, portanto, o meio contribuindo para a determinação de certos comportamentos do indivíduo, mas não determina as suas características físicas, pois estas, como vimos, são determinadas pela herança biológica” (PEREIRA, 2011, p. 112).

em pauta na nossa sociedade, a título de exemplo, a igualdade racial; temas educacionais, como o sistema de cotas; o conceito de escolaridade, ligado ao sinônimo de cultura.

A seguir, iremos discorrer brevemente sobre a apropriação do conceito de cultura e da centralidade dada para tal conceito pelo sistema capitalista, como forma de solucionar conflitos e desigualdades, mas sem realizar a divisão de bens e capital.

4 CULTURA EM FOCO: BREVES APONTAMENTOS SOBRE A RELAÇÃO DO CONCEITO DE CULTURA DE FRANZ BOAS E AS POLÍTICAS PÚBLICAS NO SISTEMA CAPITALISTA

O sistema capitalista tem enfrentado crises econômicas mundiais, que acarretaram, entre outras consequências, no aumento de diversos problemas sociais e econômicos, entre eles, o desemprego, a falta de moradia, acesso à saúde e educação, resultando em grave exclusão social. Juntamente com as crises, os movimentos sociais e trabalhistas, em diversos momentos, ganharam força e foram vistos como ameaça ao sistema. É neste contexto que o conceito de cultura entra em cena nas políticas públicas.

O cenário mundial não era promissor, tornou-se inevitável a necessidade de políticas que se dedicassem a promover a tolerância e o reconhecimento das diferenças, tendo em vista a coesão social, e não apenas reafirmasse a importância da inclusão. Argumentando que a crise também se fazia no âmbito econômico, e que “a desigualdade entre as nações é crescente” e que “múltiplos conflitos e graves tensões ameaçam a paz e a segurança” (UNESCO, 1982, p.1), as agências internacionais passaram a utilizar-se da valorização das diferentes culturas como meio de diminuir os conflitos. Diante disso, as políticas públicas, voltadas à diversidade cultural, disseminaram a ideia de que a resolução destes conflitos depende, segundo Carvalho e Faustino (2015), empenho e responsabilidade dos sujeitos pertencentes a sociedade, sem considerar que estes dependem de fatores como a relação de classe, poder, privilégios e variações econômicas e sociais. Com isso, a cultura “torna-se uma categoria central na resolução dos problemas sociais” (CARVALHO e FAUSTINO, 2015, p.128).

Nessa defesa da harmonia cultural não estão contemplados os aspectos que impedem que haja harmonia e igualdade econômica e política. (CARVALHO e FAUSTINO, 2015, p.128).

As agências internacionais, a fim de corroborarem com a ordem capitalista vigente, construíram-se, portanto, sobre os pilares do conceito de cultura, apoiando-se nas teorias de Franz Boas, que individualizam as diferenças e mostram que raramente quando o sujeito não possui a mesma oportunidade cultural, terá o mesmo desenvolvimento. Reconhecendo e valorizando a diversidade, também se apoiam em ideários de respeito e tolerância, tornando esses elementos como essenciais a convivência humana. Contudo, é evidente que, mesmo os ideários de respeito e tolerância, promovem o individualismo, em que os sujeitos apenas pensam em si e em suas condições, preocupando-se com problemas específicos e não de ordem geral. Consequentemente, ao fazê-lo, mantém as ações de exploração econômica, que colocam inúmeros grupos populacionais em situações geradoras de discriminação e exclusão.

Quando estes organismos internacionais, em seus documentos, colocam a cultura à frente da questão econômica significa que de fato os maiores problemas enfrentados pela sociedade, os problemas de ordem material, são deixados a margem. Neste caso, acreditamos que se houvessem a igualdade econômica entre os grupos humanos, os povos se desenvolveriam de acordo com sua cultura, sem ter a necessidade de organismos internacionais mantenedores da ordem social capitalista.

De nossa perspectiva, são intrínsecas à forma de organização da sociedade capitalista as mudanças que intensificam a competição e agravam as desigualdades e a exclusão social, produzindo comportamentos sociais relacionados a novas formas de intolerância, violência, racismo, xenofobia, manifestação do nacionalismo, marginalização, discriminação. (CARVALHO e FAUSTINO, 2015, p.129).

Neste contexto de valorização cultural, é possível concluir que o conceito de cultura ganhou destaque por não desestruturar a ordem do capital. Eagleton (2005), explica:

[...]a cultura começa a ser importante em quatro pontos de crise histórica: quando se torna a única alternativa aparente a uma sociedade degradada; quando parece que, sem uma mudança social profunda, a cultura no sentido das artes e do viver não será mais nem mesmo possível; quando fornece os termos nos quais um grupo ou povo busca sua emancipação política; e quando uma potência imperialista é forçada a chegar a um acordo com o modo de vida daqueles que subjuga. (EAGLETON, 2005, p.42).

Por fim, podemos entender que a relevância dada para a cultura e a diversidade cultural nos últimos anos foi uma maneira do sistema capitalista manter-se em conformidade com o *status quo* que estabelece, uma vez que, vale lembrar, problemas culturais se mediam com políticas públicas, problemas econômicos não.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O sistema capitalista apropriou-se das teorias referente a cultura de Franz Boas, apresentadas neste artigo, para justificar as desigualdades entre os grupos sociais. Com isso, por meio das agências internacionais e dos documentos por ela produzidos, difundiu um discurso de respeito e tolerância.

Ao observamos que as agências internacionais e seus respectivo documentos preocupam-se em orientar os Estados e suas políticas públicas voltadas para a diversidade cultural, sem interferirem na divisão dos recursos materiais, ou seja, numa mudança dos modos de produção da sociedade. Isso nos leva a entender os quão importantes tais conceitos foram, e ainda são, para a manutenção do capitalismo.

Ao longo do tempo o discurso sobre a valorização da diversidade vem sendo reiterado e elaborado Diante de um consenso referente a uma nova sociabilidade, adequando-se as estratégias do capital e manutenção das relações sociais, ou seja, esses organismos dão destaque a questão cultural, esquecendo do econômico, isso ocorre porque, como já foi dito, tratando-se de uma questão cultural média-se os conflitos a partir de políticas públicas e não se interfere efetivamente na divisão da terra, na divisão econômica, na distribuição igualitária dos bens materiais.

No que diz respeito ao pensamento de Boas, este, apesar de não considerar as questões econômicas como determinantes nas relações e condições sociais, contribuiu com avanços, e foi importante para encaminhamentos de questões numa sociedade que tem a cultura como base das reflexões em relação ao desenvolvimento. No âmbito da relação Educação e Cultura, o autor ofereceu plausíveis, contudo polêmicas, deixando um legado de extrema importância, com instrumentos conceituais e científicos, que ainda na atualidade, são utilizados nos estudos antropológicos e das ciências sociais como um todo.

Por fim, é possível concluir que, ao apropriar-se do conceito de cultura fundamentado em Franz Boas, e colocando-o como centro nos debates, mantém-se a ordem do capital e da propriedade privada, sem precisar realizar a justa distribuição de renda. Com o viés cultural e não econômico, o sistema capitalista consegue adentrar em todas as atividades humanas, disseminando e mantendo seu poder e controle.

REFERÊNCIAS

- BOAS, Franz. **Antropologia Cultural**. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura. 1972.
- BOAS, Franz. **A formação da antropologia americana, 1883-1911**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2004.
- BOAS, Franz. **A mente do ser humano primitivo**. Petrópolis, Vozes, 2012.
- CARVALHO, Elma Júlia Gonçalves de. e FAUSTINO, Rosangela Célia. O impacto da diversidade cultural nas políticas educacionais: uma crítica às propostas das agências internacionais. Campinas: **Revista HISTEDBR**, 2015.
- DORTIER, Jean-François. **Dicionário de Ciências Humanas**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- EAGLETON, Terry. **A idéia de cultura**. São Paulo: Editora UNESP, 2005.
- HARVEY, David. **O neoliberalismo: história e implicações**. São Paulo: edições Loyola, 2011.
- MARX, Karl. **O Capital: crítica da economia política**. São Paulo: Civilização Brasileira, 2001.
- MOURA, Margarida Maria. **Dez livros para conhecer Franz Boas**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2017.
- PEREIRA, José. **Educação e Cultura no pensamento de Franz Boas**. Revista PUC/SP: Ponto e Vírgula, 2011.
- STOCKING JÚNIOR, George W. Introdução. In: BOAS, Franz. **A formação da antropologia americana, 1883-1911**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2004.
- UNESCO. **Records of the General Conference Fourth extraordinary session**. Paris, 1982.
- UNESCO. **Investir na Diversidade Cultural e no Diálogo Intercultural**. Paris, 2010.